

Alethea Muniz  
Da equipe do **Correio**

Uma cidade construída para ser o centro político poderia instigar diretores a levar para os palcos as mazelas do poder. O teatro de Brasília, no entanto, quase passa à margem do Congresso Nacional e traz as peculiaridades desse lugar de arquitetura moderna e espaços vazios, habitado por gente vinda de diferentes regiões do país. A diversidade aparece, por exemplo, no espetáculo *A Rua é um Rio Brilhante*, da companhia O Hierofante.

"A gente quis mostrar esse rio de culturas que é Brasília. Há inclusive o falar das pessoas daqui", afirma o diretor Humberto Pedrancini. A peça estreou no ano passado e voltará às ruas, em maio, para mais uma série de apresentações. "Vamos aos lugares onde têm fluxo de pessoas. Precisamos ocupar os espaços da cidade", defende.

Pedrancini foi um dos primeiros a levar a cidade para o palco. *Capital da Esperança* (1978) reuniu quatro episódios escritos a partir de depoimentos coletados pelo grupo Carroça. Começava pela profecia de Dom Bosco, seguia com o curta *Taguatinga em Pé de Guerra*, passava pelo massacre da Pacheco Fernandes (tema do filme *Conterrâneos Velhos de Guerra*, do cineasta Vladimir Carvalho) e terminava no Bar Express, no Conic. "Hoje olho para trás e vejo que era uma montagem tosca, mas era a forma de colocar no palco as contradições do país."

Antes dele, o professor e diretor teatral Dácio Lima, morto recentemente no Rio de Janeiro, escreveu e dirigiu *O Quarto* (1976), que falava dos rapazes que se mudavam para Brasília atrás de uma vida melhor e dividiam quartos na W3 Sul. No final dos anos 90, o cotidiano e os tipos brasilienses surgiram nos trabalhos do jovem dramaturgo Maurício Witczak, nas comédias *besteirol* de Os Melhores do Mundo e nas mulheres de Cláudio Falcão (como esquecer a adolescente Mary e seu vocabulário cheio de expressões *tipo assim: c... véi*).

"Sinto necessidade de falar desta cidade que amo, mas que tem a solidão muito presente. Escrevo sobre como a cidade de concreto interfere nas relações entre as pessoas", diz Witczak, autor de *Entre Oito Paredes* e *A Psico Lógica do Amor*. O cotidiano local surge também na cenografia. "Imperam os apartamentos nos quais as pessoas vivem como em gaiolas. Isso aparece nos cenários das nossas peças."

#### CIDADE EM FRAGMENTOS

O diretor uruguaio-brasiliense Hugo Rodas diz que a solidão imposta pelos espaços da cidade que escolheu para viver na década de 1970 o fez descobrir o próprio caminho. "Brasília me deu o eixo, o equilíbrio da loucura." Ele conta que andar pelas ruas – e não ter vitrines para distrair o olhar e a cabeça – foi fundamental para suas descobertas pessoais e profissionais. "Essa necessidade de espaços se traduz no meu olhar estético, porque Brasília é uma ci-

dade altamente provocativa."

Em 1994, Rodas apresentou *O Olho da Fechadura*, uma espécie de teatro-instalação com fragmentos da obra de Nelson Rodrigues, encenada nos espaços do Instituto de Artes da Universidade de Brasília. Atores atuavam nos corredores, jardins, salas de aula e na rua em frente ao prédio. "Era um teatro baseado no fragmento, sem história com começo, meio e fim, absolutamente marcante para meu trabalho". A exploração do universo de um autor em teatro-instalação se repetiu em *Album Wilde* (2000) e estará em *Rosa Mundo*, que o diretor prepara para lançar nos próximos meses, em Brasília.

A pergunta que se faz é até que ponto o "estar em Brasília" influencia o diretor para trabalhar, no teatro, com fragmentos da vida e da obra de escritores. Se em *Album Wilde* há trechos da obra e da vida de Oscar Wilde, unidos de tal forma a sintetizar o universo do escritor irlandês, em Brasília se tem um pouco dos hábitos e costumes de diferentes partes desse país, numa síntese de Brasil, tal qual os versos da peça *A Rua é um Rio Brilhante*.

#### BECKETT NO LAGO

Em Brasília, a areia que cobre o corpo de Willie e Winnie no texto de Samuel Beckett virou água na polêmica e histórica montagem do diretor Manguiera Diniz para *Dias Felizes* (1993). Os atores Gê Martú e Lucinaide Pinheiro interpretavam esse teatro do absurdo dentro do lago Paranoá, no Pier da Asbac. "Precisava da imensidão do lago e da água parada para apresentar a história do casal sem perspectivas", conta Diniz. "Piscina não funcionaria."

Foi tudo pensado: a peça deveria estrear na época de seca, quando o lago ficaria mais raso, riscos de chuva seriam evitados e o frio ao ar livre contrairia as pessoas. "O frio oprime as pessoas e fazem com que fiquem mais introspectivas, assim Beckett enterra o cor-

po dos personagens para ressaltar a cabeça, o pensar." Caçador de espaços alternativos, Diniz já tinha dado o que falar com seu *Esperando Godot*, peça que inaugurou a Oficina do Perdiz.

A busca do diretor por palcos alternativos veio em resposta à formalidade e à imponência da cidade, tanto quanto propor espetáculos a preços populares. "Busquei espaços alternativos e a cidade é a minha grande musa inspiradora." Manguiera Diniz também montou *Fim de Partida*, encenado no porão do Bar do Cafofo, na Asa Norte. "Brasília é muito *beckettiana*, tem a angústia de Beckett, os espaços vazios e o sentido de imensidão."

No final dos anos 90, os irmãos Adriano e Fernando Guimarães passaram a se dedicar aos textos de Samuel Beckett, apresentando-os no espaço híbrido entre as artes plásticas, o teatro e a performance. "Existe uma relação com a cidade. Os textos de Beckett não são situados em paisagens conhecidas e têm esse sentido de isolamento, solidão", diz Adriano Guimarães.

# TERRA VERMELHA NO PALCO

Waldir de Pina



MANGUEIRA DINIZ MONTOU *DIAS FELIZES*, DE BECKETT, COM OS ATORES MERGULHADOS NO LAGO PARANOÁ. APROVEITOU A ÁGUA RASA E O CLIMA FRIO